



**NA FRONTEIRA DA DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: Paulo Freire e a  
Pedagogia do Oprimido<sup>1</sup>**

**EN LA FRONTERA DE LA DESOBEDIENCIA EPISTÉMICA: Paulo Freire y  
la pedagogía del oprimido**

**ON THE FRONTIER OF EPISTEMIC DISOBEDIENCE: Paulo Freire and  
the Pedagogy of the Oppressed**

**Luã Armando de Oliveira Silva<sup>2</sup> & Edgar César Nolasco<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo delinear a proposta de uma crítica biográfica fronteiraça do escritor Paulo Freire, tendo como ilustração principal a obra *A Pedagogia do Oprimido* (1970) à luz dos conceitos propostos pela descolonialidade, como, por exemplo, desobediência epistêmica, desprendimento, semelhanças-na-diferença, bilinguajamento e pedagogia descolonial. Para isso, assentaremos-nos em uma metodologia bibliográfica respaldada, por um lado, pela epistemologia crítica biográfica fronteiraça no bojo dos intelectuais Mignolo, Edgar César Nolasco, Zulma Palermo, Silviano Santiago, Gloria Anzaldúa e, por outro, pelo conceito de semelhanças e diferenças da Literatura Comparada a fim de comparar a diferença colonial da pedagogia freiriana com a pedagogia descolonial. Portanto, atravessados pelo exposto, buscaremos

---

<sup>1</sup> No momento, este trabalho faz parte de minha pesquisa de Doutorado.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: [0000-0002-2791-6161](https://orcid.org/0000-0002-2791-6161). E-mail: [luaarmando.linguistica@gmail.com](mailto:luaarmando.linguistica@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Professor da graduação em Letras e do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Letras), da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Líder do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) e editor chefe do periódico *Cadernos de Estudos Culturais*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: [edgar.nolasco@ufms.br](mailto:edgar.nolasco@ufms.br) ou [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

traçar um perfil no pensamento social e pedagógico de Paulo Freire, evidenciando as feridas abertas descoloniais presentes em seu projeto intelectual e literário, no intuito de descortinar um importante debate que antecede a constituição de uma pedagogia descolonial nas e a partir das exterioridades da América Latina e do Brasil.

**Palavras-chave:** Descolonilidade; Literatura Comparada; Paulo Freire.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo esbozar la propuesta de una crítica biográfica límite del escritor Paulo Freire, teniendo como principal ilustración la obra *A Pedagogia do Oprimido* (1970) a la luz de los conceptos propuestos por la decolonialidad, como, por ejemplo, epistémico desobediencia, desapego, similitudes-en-diferencias, bilinguaje y pedagogía decolonial. Para ello, nos apoyaremos en una metodología bibliográfica sustentada, por un lado, en la epistemología biográfica crítica límite en el seno de los intelectuales Mignolo, Edgar César Nolasco, Zulma Palermo, Silviano Santiago, Gloria Anzaldúa y, por otro lado, por el concepto de similitudes y diferencias de la Literatura Comparada para comparar la diferencia colonial entre la pedagogía freireana y la pedagogía decolonial. Por lo tanto, atravesado por lo anterior, buscaremos trazar un perfil en el pensamiento social y pedagógico de Paulo Freire, destacando las heridas decoloniales abiertas presentes en su proyecto intelectual y literario, a fin de develar un importante debate que antecede a la constitución de una pedagogía decolonial en y desde las exterioridades de América Latina y Brasil.

68

**Palabras Clave:** Decolonialidad; Literatura Comparada; Paulo Freire.

**Abstract:** This work aims to outline the proposal of a border biographical critique of the author Paulo Freire, having as its main illustration the work *A Pedagogia do Oprimido* (1970) in light of the concepts proposed by decoloniality, such as, for example, epistemic disobedience, detachment, similarities-in-difference, bilinguaging and decolonial pedagogy. For this, we will rely on a bibliographical methodology supported, on the one hand, by the borderline critical biographical epistemology in the core of the intellectuals Mignolo, Edgar César Nolasco, Zulma Palermo, Silviano Santiago, Gloria Anzaldúa and, on the other hand, by the concept of similarities and differences of Comparative Literature in order to compare the colonial difference between Freirean pedagogy and decolonial pedagogy. Therefore, crossed by the above, we will seek to draw a profile in Paulo Freire's social and pedagogical thinking, highlighting the open decolonial wounds present in his intellectual and literary project, in order to uncover an important debate that precedes the constitution of a decolonial pedagogy in and from the exteriorities of Latin America and Brazil.

**Keywords:** Decoloniality; Comparative Literature; Paulo Freire.

O presente texto se delinea a partir da fronteira-sul, nosso biolócus geoistórico e epistemológico e propõe estabelecer uma teorização *outra* crivada à luz da noção da *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2010) a partir do intelectual Paulo Freire, tendo como enfoque maior a obra *A Pedagogia do Oprimido* (1970). Para isso, nossa discussão se assenta na crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015), bem como na descolonialidade (MIGNOLO, 2003), considerando que: “[...] um fazer descolonial que toma a memória como uma prática que se erige da vida, da condição, das línguas e das histórias dos sujeitos que se encontram numa exterioridade [...]” (NOLASCO, 2014, p. 139). Escusado pontuar que a teorização que sustenta a crítica biográfica fronteiriça tem um viés de ordem comparatista o que, por si só, já justificaria a leitura de base comparatista que está na fundamentação de nossa proposta teórica.

Assim, nossa prática teórica fronteiriça (e comparatista) tem como ilustração os escritos da obra supracitada, a fim de traçar um perfil político do autor Paulo Freire, elucidando como seus pensamentos denunciavam a falta de liberdade, o obscurantismo do pensamento moderno e o apagamento de sujeitos subalternos. Dito isso, a teorização proposta será delimitada pelo caráter sul-fronteiriço, o qual nos respalda para ler de maneira *outra* a literatura freiriana na atualidade. Buscamos uma teorização que emerge a partir da (MIGNOLO, 2003) fronteira geoistórica, conceitual e epistemológica a qual vai além do proposto pela epistemologia moderna; nesse sentido, a fim de nos desprender (MIGNOLO, 2020) não só das histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela.

Nosso desejo também é desprender o pensar freireano da moderna visão europeia de mundo, a qual coloca sua obra num lugar do Terceiro Mundo, numa “Interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 26). Como forma de análise e fruição, a crítica literária por muito foi assentada sob o prisma da filosofia ocidental, a qual concebia um modelo universal de literatura (fato este endossado à exaustão pela Literatura Comparada), em que a estética era privilegiada em detrimento do próprio texto literário, se constituindo como uma maneira de unificar a literatura, a forma e o texto literário em prol do humanismo ocidental respaldado principalmente pela noção goethiana de Weltliteratur. Essa ideia centralizadora excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensamento que não fosse o do “modelo” proposto em que os sujeitos, saberes, produções erigidas da exterioridade foram

excluídos e ficaram de fora do projeto mundo colonial por destoarem do padrão moderno homogeneizante.

Ensejamos entender como o pensamento descolonial de Freire denota, ao seu modo, um discurso político que se dirige em prol dos sujeitos da exterioridade, especialmente em *A Pedagogia do Oprimido* (1970). Daí sobressai em nossa proposta um viés comparatista, na medida em que visamos contrapor a pedagogia de Paulo Freire com uma pedagogia descolonial. Tendo em mente que as obras sociopedagógicas desse referido autor são “a constituição de um discurso pedagógico descolonial profundamente crítico das heranças do colonialismo nos territórios periféricos do Sul global, particularmente, na América Latina” (MOTA NETO, 2016, p. 17), queremos explicitar, por meio da crítica biográfica fronteiriça, como o intelectual molda por meio de sua literatura um discurso político acerca do Brasil. O qual se insinua e se projeta no futuro em que vivemos.

De modo que a crítica biográfica comparatista nos é imprescindível pois permite “a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos por meio da construção de pontes metafóricas entre fato e ficção” (SOUZA, 2011, p. 112). Parafrazeando a comparatista Eneida Maria de Souza, pretendemos, por meio dessas pontes constituídas de metáforas que não deixam de estar no campo das “semelhanças e diferenças”, construir um perfil intelectual de Freire em que seus expoentes maiores estão assentados no desprendimento com a boa e velha forma de fazer crítica, e, sobretudo, prezar pelas vidas, saberes, discursos que emergem da exterioridade, como, por exemplo, esse texto que se delinea a partir do espectro de um dos maiores escritores.

A relevância deste texto justifica sua eleição, uma vez que estamos nos baseando na necessidade de se fazer, e de propor, teorização comparatista a partir da fronteira-sul de Mato Grosso do Sul. Desse modo, essa teorização *outra* se respalda nas premissas propostas pela crítica biográfica fronteiriça para teorizar, dialogar e traçar um perfil intelectual político acerca dos escritos de Paulo Freire presentes na obra *A Pedagogia do Oprimido* (1970). Nesse sentido, falar de Paulo Freire é sempre necessário e relevante, tendo em mente sua importância em nossas “línguas” brasileiras. Nesse ínterim, falar de Paulo Freire é também falar de um *locus enuntiationis* tomado por alguém que teoriza a exterioridade de sujeitos, grupos e populações periféricas que foram, de algum modo, subalternizados pela modernidade/colonialidade. Esse sujeito Freire que teoriza a

partir do e para o “Terceiro Mundo” é descrito por Nolasco (2022) como o *teorizador vira-lata*, pois

[...] ele pensa a partir do lugar chamado de fronteira-sul, porque tem consciência de que só pode pensar melhor a partir de seu biolocus quando este está na base de sua argumentação e de seu discurso, e porque ele sabe que engastar seu modo de pensar a partir desse lugar revoltoso e fronteiro é a única forma de assegurar a presença de suas sensibilidades biográficas e locais [...] (NOLASCO, 2022, p. 36).

Nesse sentido, tomaremos a memória e os pensamentos de Paulo Freire presentes na obra supracitada para ressaltar como a denúncia de feridas que sangram feita por Freire em *A Pedagogia do Oprimido* é cara ao fazer descolonial por anteceder o debate de descolonialidade em nosso continente ao denunciar questões de ordem socio-cultural, corpos subjugados ao esquecimento, a perpetuação da falta de liberdade. Sendo assim, torna-se conseqüentemente imprescindível para a crítica biográfica fronteira no que concerne ao *bios e locus* do referido autor. Tendo em mente o biolocus de onde emerge o pensamento periférico, Walter Mignolo corrobora para nossa teorização quando entende que:

O pensamento fronteiro, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento quenão pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjulgar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiro é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2003, p. 51).

Diante do exposto, a hipótese maior do texto em questão é sustentar um caráter crítico biográfico fronteiro comparatista em que a postura pedagógica e política de Paulo Freire seja compreendida como uma subjetividade do intelectual rumo à desobediência epistêmica. Para tanto, utilizamos a obra feiriana para compreender o jogo discursivo e político criado em Freire por meio de sua formulação teórica. Há, então, a necessidade de um reexame crítico da educação popular – defendida por Freire –, explorando questões, pedagogias e conceitos até então pouco analisados sob um ótica descolonial. Mais do que isso, pretendemos apontar nos escritos de Freire elementos decoloniais em que pese a problemática e/ou a superação do eurocentrismo e do *universalismo*. Ademais, esperamos, por meio dessa forma *outra*, reler Freire, possibilitando uma atualização da obra desse autor.

É por meio da escrita de base teórico-comparatista que procuramos atender as nossas expectativas conceituais e teóricas sobre Freire, tendo em mente o afirmado pelo próprio:

Eu me sinto profundamente latino-americano, mas, necessariamente, para ser latino-americano, tenho primeiro que ser alguma coisa dentro do contexto geral da América Latina. Essa “qualquer coisa” é: brasileiro. Para que eu pudesse me sentir latino-americano; para que, em me sentindo, eu pudesse me sentir mundial, um ser do mundo, era preciso que eu tivesse sobretudo, em primeiro lugar, um local. Esse local é Recife, com cuja memória eu ando pelo mundo. Carrego comigo as marcas de miha cidade (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 43-44).

Posto isso, nossas vidas de críticos biográficos fronteiriços, por não ter sido os “eleitos” pela magnitude da colonialidade do saber, serão compartilhadas em consonância com os escritos e pensamentos de Freire. Assim sendo, nossa teorização maior está assentada em *aprender a desaprender para poder assim reaprender* (MIGNOLO, 2008, p. 98). Essa afirmação, se por um lado, retoma toda uma discussão de base ameríndia, por outro, traz uma discussão que muito bem pode ser encampada e discutida da perspectiva dos postulados comparatistas, na medida em que, se a pedagogia do oprimido envolvia esse des-sujeito, por outro lado, somente nessa visada comparatista que se sobressai esse outro.

72

Na esteira dessa afirmação comparatista conceitual, ensinamos re-aprender a descobrir o Brasil com Freire, por meio do diálogo comparatista que iremos manter com os amigos-autores-aliados que elencamos para suplementar nossa epistemologia. Sobre isso e em abordagem comparatista, Edgar Cézár Nolasco afirmou em seu artigo *Por uma Gramática Pedagógica da Fronteira-sul* o seguinte: “Nesse espaço fronteiriço encontram-se, em relação desigual de poder, o conhecimento e as histórias locais e as subjetividades presentes no pensamento e no discurso modernos, a exploração do trabalho pelos latifundiários e a luta pelo indígenas [...]” (NOLASCO, 2019, p. 30). Nolasco parece elucidar o que ensinamos quando pensamos no perfil político freiriano, posto que seus escritos tratam da in experiência democrática do Brasil, da desumanização do ser humano, da invasão cultural e do sistema de ensino colonial. Desse modo, a (re)descoberta do Brasil de Freire está para a desobediência epistêmica e não só da boa tradição literária mas, sim, da história universal homogeneizante como um todo. A boa tradição literária se tornou responsável por excluir latino-americanos da literatura universal, como, aliás, de uma forma bem específica trabalhou a Literatura Comparada. Ao revés dessa literatura canônica que não faz outra coisa a não ser

hierarquizar, Silviano Santiago afirma em seu texto *O Entre-lugar do Discurso Latino-americano* que “[...] A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (SANTIAGO, 2019, p. 17-18). Também não é demais lembrar que o tradicional ensaio do autor tem uma base teórica comparatista que o sustém.

Pensar desse ponto de vista é consequência da colonização maçante sofrida pela colonialidade do poder que, por sua vez, controla a economia, a autoridade, a natureza e os recursos naturais, o gênero e a sexualidade e a subjetividade e o conhecimento (MIGNOLO, 2020, p. 12). Na esteira de Santiago, vemos que Freire se debruçou acerca das apropriações, desconstruções e ressignificações de categorias de pensamento oriundos tanto da modernidade quanto do que chamou de pós-modernidade progressista, evitando toda forma de racismo epistêmico. Sua escrita se desprende da boa tradição literária por descortinar seu caminho em direção à desobediência epistêmica. Entender a escrita de Freire não está tão somente para a ficção fantástica, mas um retrato de uma realidade – como uma totalidade – que atravessa, transcrito em um esforço de (re)ler a paisagem da margem, “relações-mundo-consciência-prática-teoria-leitura-do-mundo-leitura-da-palavra-contexto-texto.” (FREIRE, 2000, p.106). A exemplo de Freire, é num lugar aparentemente vazio, no lugar e no templo de clandestinidade, entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão e a agressão, ali se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2019, p.19). Queremos demonstrar como o escrever para Freire acaba se tornando uma forma de re-contar memórias e descobrir o mundo para além dos limites intrínsecos da colonização.

No que tange ao arcabouço de conceitos, valhemo-nos da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) como por exemplo os conceitos de desobediência epistêmica, (MIGNOLO, 2010), semelhanças e diferenças (oriundos da Literatura Comparada), bilinguajamento (MIGNOLO, 2003) e semelhanças-na-diferença (MIGNOLO, 2003). O entendido e teorizado por Mignolo acerca da desobediência epistêmica nos vale na medida em que defende um agir *outro* no e para o mundo a partir de uma episteme também *outra*. Aportados por essa afirmação, a (re)descoberta do mundo a partir de Freire se constitui como uma forma de desobediência epistêmica por meio do gesto da escrita prezar pelos conhecimentos e, conseqüentemente, vidas outras banalizadas para além da

fronteira do processo colonizatório. Desta feita, Mignolo assevera acerca do conceito que esses gestos contribuem “para se desvincular da ilusão da epistemologia do ponto zero” (MIGNOLO, 2010, s/p).

A literatura freiriana se inscreve para que mundos mais justos sejam descobertos e teorizados. Mota Neto já havia afirmado “o horizonte ético-político de Freire compõe uma parte cultural do fundamento e da moldura de sua concepção decolonial.” (MOTA NETO, 2016, p. 232). O consagrado teórico já observava em Freire o fato de que o mundo criado por e a partir da escrita dele se insere como uma capacidade única de interpretação, não antes vista na história. Nesse sentido, ao teorizar sobre Freire iremos contribuir para a nossa interpretação do mundo a partir das fronteiras que habitamos, como exposto por Nolasco acerca da fronteira:

Se a fronteira está na barra (/) que separa e uni modernidade e colonialidade, deste lado da linha e do outro lado da linhas, dentro e fora, na relação entre interioridade e exterioridade, um afuera que se cria no processo de criar o adentro, então o espaço-biográfico-fronteiriço [...] metaforiza esse lugar hospitaleiro de uma intercorporeidade consubjetiva, posto que os corpos [...] se roçam entre si [...], permitindo, assim, que se instaure uma gramática expositiva da fronteira. (NOLASCO, 2019, p. 20).

Dessa maneira, o mundo que nos é acessado por meio de Freire se instaura nas frestas da ficção e da realidade, como uma forma de criar, recuperar, relembrar o que foi esquecido. Ao passo que o mundo re-surge por meio da sua escrita, fazendo com que pensemos no desprendimento das matrizes coloniais de poder. Realmente, o que Freire escreve ainda não tem nome. E é justamente por pensarmos em Freire como um intelectual/aliado político que teorizamos sobre seus textos com base na epistemologia descolonial, pois sua literatura teórica se constitui como componente de nosso *bios* enquanto críticos biográficos fronteiriços.

Os textos de Freire se fazem presentes na descoberta do mundo não-canônico como um todo, se insinuam em direção ao presente e ao futuro. Descortinando, mais uma vez, a importância e a grandiosidade da desobediência epistêmica para que possamos re-existir enquanto intelectuais do Terceiro Mundo, Mignolo afirma que: “A desobediência epistêmica é necessária para levar a desobediência civil até o ponto do qual não há retorno. A desobediência civil, na epistemologia ocidental moderna, só poderia levar a reformas, não a transformações” (MIGNOLO, 2009, p 43).

A descoberta do mundo aqui teorizada visa à desobediência e fazer com que outras leituras sejam feitas a partir do viés crítico biográfico fronteiriço. Nesse seara, foi que elencamos a obra de Freire como fio condutor de nossa teorização. Mota Neto escreveu seu livro intitulado “Por Uma Pedagogia Decolonial na América Latina” (2016) que, por meio de Freire e Borda, circulam os mais diversos pensamentos, há sempre o que se dizer e (re)dizer sobre o autor. Sendo assim, Mota Neto continua dissertando sobre Freire na medida em que nos apresenta como compreender a política e pedagogia revolucionária presente no texto do pedagogo. O autor afirma que seu trabalho é “uma denúncia do colonialismo até o anúncio da libertação” (MOTA NETO, 2016, p. 147). Na esteira do autor, dizer que a política de Freire se opõe à noção messiânica da história universal nos é caro em termos de descolonização, considerando-se que o processo daquele foi moldado como intuito salvífico e messiânico, o qual limitou nossas capacidades políticas e intelectuais.

Por fim, pensar em Freire no presente demanda teorizar de modo *outro* sua trajetória política intelectual. Enquanto críticos biográficos fronteiriços, fazer teorização no presente é nossa única condição pra re(des)cobrir o mundo que nos foi tirado pela narrativa colonial. Há uma urgência em se descobrir os mundos *outros*, o mundo de Paulo Freire e, o nosso, os quais se constroem a partir das fronteiras de nossa realidade sul-mato-grossense.

75

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura comparada e Relações comunitárias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

\_\_\_\_\_. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 7ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_; Ana Maria Araújo. Paulo freire. In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Eu não vim fazer um discurso*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom. *Theory, Culture and Society*, [s. l.], v. 26, ed. 7-8, 2009, p. 1-23.

\_\_\_\_\_. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

\_\_\_\_\_. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MOTA NETO, João Colares da. *Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV, 2016.

NOLASCO, Edgar César (org.). *A literatura comparada no Brasil hoje*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

\_\_\_\_\_. “Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA)”. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil\Paraguai\Bolívia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2015, p. 47-63.

\_\_\_\_\_. “Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades, p. 09-29. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pedagogias descoloniais*, v.1. n.21, 2019

\_\_\_\_\_. *O Teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: edição revista e ampliada*. Recife: CEPE, 2019.

SOUZA, E. M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. *Crítica cult*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002.

TOLOSTANOVA, Madina V. & MIGNOLO, Walter D. *Learning to unlearn: decolonial reflections from eurásia and the Américas*. Columbus: The Ohio state university press, 2012.

Artigo Recebido em: 06 de junho de 2021.

Artigo Aprovado em: 17 de janeiro de 2022.